

A literatura em *movimento*: desterro na literatura de Herta Müller

Gerson Neumann*
Monique Cunha de Araújo**

RESUMO: Este artigo debruça-se sobre a escrita da autora romeno-alemã Herta Müller, particularmente na temática do desterro. O termo sinônimo para exílio relaciona-se diretamente com os dias atuais, quando milhares de pessoas são obrigadas a se deslocar de seus territórios de origem para outros, onde procuram, sobretudo, segurança. Explorar a obra de Herta Müller não se trata somente de verificar sua escrita a partir de teorias específicas, como as propostas por Ette, Said, Arendt e Greverus, significa, antes de tudo, investigar uma escrita de resistência, em que o uso da língua é o principal instrumento de combate.

Palavras-chave: Herta Müller; desterro; literatura em movimento.

Apresentação

O norte da África possui hoje inúmeras rotas usadas por traficantes de pessoas, nas quais o destino são navios clandestinos em direção à Europa. Segundo pesquisa da ONU, cerca de 80 mil pessoas atravessam todos os anos o deserto do Saara em busca de uma vida melhor na Europa. Os motivos pelos quais os africanos migram para a Europa são vários: condições climáticas extremas, melhores condições de trabalho, perseguição política. No outro lado do planeta, latinos, em busca de oportunidades, empreendem uma jornada de perigo e esperança ao atravessar o Rio Grande, fronteira natural entre o México e os Estados Unidos. Mais de 38 milhões de imigrantes vivem legalmente nos Estados Unidos, mas, estima-se que o número de ilegais seja entre 7 a 20 milhões.

Segundo as Organizações das Nações Unidas, 175 milhões de pessoas vivem atualmente fora do país de origem. Um cálculo da Eurostat, organização para estatísticas da União Europeia, denuncia que a população de imigrantes no território europeu (somente dos países-membros) é equivalente a 62.9% (EUROSTAT, 2016).

Nessa temática, é imprescindível mencionar a relação com a recente crise dos refugiados, não apenas na Europa, mas em âmbito global, evidenciando a necessidade de debate sobre o tópico. Herta Müller foi por muito tempo representante de uma categoria criada para evidenciar o tema migração, a chamada Literatura de migração. De fato, essa classificação não só oculta uma ideia de afastamento das ditas literaturas de língua alemã, mas também qualifica os escritos da autora em apenas uma categoria. Neste artigo, a questão do desterro investigada em parte da literatura de Müller representa um exemplo de movimentos transareais em seus escritos. A partir desse ponto de vista, os trânsitos globais, assim como os representados na literatura de Müller, evocam, sobretudo, a ideia da identidade. Vera Nünning afirma que,

um tema muito discutido é a investigação dos problemas de identidade, [n]os quais, principalmente para a compreensão do séc. XX tornaram-se *imprescindíveis* (...). Grupos específicos e identidades nacionais estão também intimamente ligados aos valores específicos centrais da cultura e, normas ao desenvolvimento de hierarquias de valor (NÜNNING, 2010, p. 70) ¹.

A compreensão desta questão no século passado contribui efetivamente no entendimento dos impactos migratórios atuais. Acerca dessa problemática do território, o tema identidade cultural insere-se perfeitamente, uma vez que os territórios “contêm nos seus limites as formas de construção da história e do indivíduo” (HENRIQUE CASTRO, 2003, p. 5), pois depois de

duas Guerras Mundiais, colapsos econômicos, as crises políticas, religiosas e étnicas, as deportações e extermínios criados pela idolatria dos nacionalismos, tem forçado grandes contingentes humanos a abandonar seus lugares de origem, deslocando populações inteiras dentro de um mesmo país ou de um país para outro, e de um continente para outro (MONTAÑÉS PÉREZ, 2006, p. 19).

Na década de 1970, Edward Said apontava os caminhos da nova era: “é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (SAID, 2003, p.47). Said representa essa gama de autores que, fora de seu país de origem, refletiram e escreveram sobre sua própria identidade e sobre a questão do Outro na constituição de uma identidade própria. Dentro dessa perspectiva, a literatura é um canal para trazer à reflexão temas que se apresentam na e à sociedade. Da mesma maneira, Said mostra em *Orientalismo* como a literatura foi utilizada pelos iluministas para justificar a visão do Outro, enquanto um não-civilizado, não-letrado, não-“iluminado”, o que se tornou um pretexto para a conquista de terras e exploração no hemisfério sul. Nesse raciocínio, a literatura pode ter a função oposta: a de denunciar os efeitos desses regimes totalitários, como a literatura de Herta Müller e de Liao Liwu, nomes contemporâneos no qual a escrita lhes custou o exílio.

A literatura, nesse sentido, segundo Ette, não pode ser pensada hoje sem levar em conta a questão das mudanças de *espaço*. Na verdade, “a comunicação científica, assim como a literária, vive de superação, por muitas vezes da supressão da problemática do *espaço*” (ETTE, 2000, p.21). Nessa superação vivem os escritores exilados, asilados e os que, por algum motivo, não vivem no seu país de origem, pois

o internacionalismo intelectual e cultural, de grandes convulsões sociais, em que as ideias passavam de uma cultura para outra, gerou uma arte essencialmente cosmopolita que se alimentou das tradicionais viagens literárias e expatriações de muitos escritores e artistas, ou foi causada pelas grandes convulsões históricas que forçaram ao exílio muitos escritores, ocasionando que uma parte tão grande da arte moderna tenha sido produzida por escritores “sem lar”, afastados de sua cultura nacional, sua tradição, seu idioma nativo (MONTAÑÉS PÉREZ, 2006, p. 15).

Neste artigo, investiga-se a questão da literatura em movimento, a literatura produzida em território estrangeiro, sobretudo em relação à questão do exílio. Premiada com o Nobel de Literatura em 2009, Herta Müller que, “com a densidade da sua poesia e franqueza da prosa, retrata o universo dos despossuados”ⁱⁱ, é o retrato de que a literatura deve (e o faz) “superar” a problemática do território (ETTE, 2001, p.21).

Nascida na pequena comunidade de falantes alemães na Romênia, Nitzkydorf, Herta Müller estudou na juventude em Temeswar, onde a língua oficial é o romeno. Segundo a autora, esse foi seu primeiro “exílio”. Nesse momento, Müller percebe que, apesar da paisagem, arquitetura, cultura, lhe serem familiar (*heimlich*), algo é inevitavelmente desconfortável, estranho (*unheimlich*): a língua.

Em 1982, publica o livro *Niederungen*, traduzido para o português por Ingrid Assmann sob o título *Depressões* e publicado em 2010 pela editora Globo. Como consequência sofre brutal censura do governo do ditador Nicolae Ceausescu, o que motiva a ida de Herta Müller ao exílio na Alemanha. Lá, diferente do que se imaginava, sente-se apenas mais uma imigrante do leste europeu, uma exilada. Sendo oriunda de uma comunidade com raízes alemães, deveria sentir na Alemanha algo familiar, entretanto, ela não se sentia parte, pelo contrário. Por esse motivo, justifica-se a tão forte temática do *Heimat* [da pátria] na escrita literária de Müller, pois a impossibilidade de voltar para casa, o sentimento de não-pertença, as descrições do interior da cidade são recorrentes na obra.

Esse sentimento de não-pertença, tal qual o de Herta Müller, Said aponta ser um dos problemas da sociedade moderna; na verdade, um elemento forte que caracteriza a sociedade atual:

E logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e, onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados ou pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p.50)

Essa sensação converte-se, nas obras de Müller, em melancolia, em nostalgia, pois ela não se sente parte da Alemanha, local de seu exílio, onde até hoje vive, nem da terra de seus pais, com passado nazista que, na verdade, continua bem vivo e se manifesta numa ideologia etnocêntrica, no cultivo fanático da tradição e numa educação que significa atrofiamento consciente. O tema *Heimat* aparece fortemente nos contos *Niederungen*, *Drückender Tango*, *Barfußiger Februar*, *Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt* e em uma parte do romance *Herztier*.

A viagem e o outro

Levo comigo uma bagagem silenciosa. Fechei-me tão profundamente e por tanto tempo no silêncio que nunca consigo abrir-me através das palavras. Apenas me fecho de outras formas quando falo (MÜLLER, 2009, p. 13).

Em uma situação de migração, certamente a viagem seria o ponto de partida para a abertura para o novo mundo. Em qualquer situação de deslocamento, a viagem instaura a primeira aproximação com o Outro, seja no mesmo país, de um país para outro, de um continente para outro. Enquanto estive na missão universitária francesa no Brasil, 1935 a 1939, o antropólogo francês Lévi-Strauss excursionou por todo o território brasileiro e, em *Tristes Trópicos* fez análises etnológicas de cada região, além de relatar como sua vocação de antropólogo surgiu nessas viagens. Nesse livro, o autor aponta cinco dimensões para o tema viagem.

Para o antropólogo francês, o viajante movimenta-se em duas dimensões de um sistema de coordenadas em uma linha, no qual a primeira reflete, sobretudo nas primeiras elaborações manuscritas (ETTE, 2001, p.26). A origem do autor, tanto de um relato de viagem, quanto de um romance, segundo Lévi-Strauss, sobressai-se como a primeira dimensão da escrita. Na verdade, sobretudo cartograficamente, as duas dimensões equivalem à origem e ao destino, assim como análise do destino com o ponto de vista da origem. A terceira dimensão trata da pesquisa presente, ou seja, do assunto sobre o qual se escreve no país destino.

Sobre a terceira dimensão, Ette (2001) aponta a questão da pesquisa, sobre a qual o viajante/autor no momento escreve. Entendemos “pesquisa” neste artigo como descobrimento e análise do “novo”, do “diferente” e, nesse sentido, a literatura escrita no estrangeiro insere-se sobremodo. Segundo esse viés, para a literatura no exílio, a questão do ponto de vista da cultura de origem é um tema bastante relevante. O viajante é, pois, o deslocado no país que o hospeda e, com esse olhar analisa o país de destino, assim como “(um-)a visão de cima de uma montanha traça, da mesma forma uma teoria da paisagem, assim como uma paisagem da teoria, a qual se aproxima da transparência desse olhar do sentido literário e ao mesmo tempo epistemológico”(ETTE, 2001, p.28).

Para este artigo, a quarta dimensão de Lévi-Strauss é, possivelmente, a mais importante: o tempo. O planejamento, a duração e o presente – o conhecido, “antes, durante e depois” – são, sem dúvida, predominantes na escrita: “O próprio presente pode iluminar-se pela ocupação com o Outro como um futuro passado” (ETTE, 2001, p.26). Ou

seja, o passado e o futuro estão ligados no presente, pois os dois analisam o Outro. O confronto ou choque entre diferentes tempos (fusos horários, rituais, rotinas, etc.), culturas, espaços marcam a importante questão da alteridade dentro desse contexto:

Na quarta dimensão está contida a *coexistência*. Entre si (a origem e o destino) operam diferentes representações do tempo e incluídos a isso: os espaços (geográficos, culturais, políticos, etc.). O confronto entre diferentes graus do tempo contribui para o estímulo e para a atração do viajante que escreve e a cada literatura em movimento (ETTE, 2001, p.33) (grifo nosso).

Quanto à questão do tempo, é importante frisar que o rápido acesso à informação marcou os últimos anos. Nos séc. XX e XXI, “tempo e espaço foram comprimidos em função da velocidade de processamento dos fluxos de informação proporcionada pelas novas tecnologias da informação e pela evolução dos meios de transporte” (VIEIRA, 2001, p.15).

Na perspectiva da alteridade, Lévi-Strauss evoca ainda a quinta dimensão de uma viagem: a social (LEVI-STRAUSS *apud* ETTE, 2001, p. 33). Como para ele o viajante se move em diferentes classes sociais, a confrontação e “choque” são pontos importantes inseridos no contexto da viagem. Para nosso estudo, porém, essa dimensão será deixada de lado, pois, no caso da literatura de exílio, a classe, na qual o escritor se movimenta independe da viagem em si, mas sim da condição que motivou a viagem.

Em uma perspectiva religiosa, entretanto, o homem sempre foi considerado um *estrangeiro*, pois, expulsos de sua terra natal, o Paraíso, Adão e Eva representam os primeiros homens do exílio, já que o termo *estrangeiro* está intimamente ligado ao exílio. “Assim, todo filho de Adão e Eva é um hospede de passagem, um estrangeiro em qualquer país em que se encontre e até mesmo em sua própria pátria” (PÉREZ, 2006, p. 14). Dentro dessa concepção, o homem estaria em eterno conflito com sua identidade, pois fora do seu território de “origem”, vive em situação conflituosa com a cultura diferente da sua. Esse pensamento conota parcialmente o sentimento de desarraigamento, desorientação e deslocamento que o exílio traduz, afastados de sua cultura nacional, sua tradição, seu idioma nativo, o exilado é um “náufrago que luta por sobreviver em um território” (PÉREZ, 2006, p. 16). Segundo esse viés, Said intervém:

[...] o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p.46).

Nesse sentido, “a marca do trauma do exílio fica refletido na perda da identidade, na dor, na fratura e no estranhamento” (MONTAÑÉS PÉREZ, 2006, p. 15).

Viagem, território e identidade

Nascida na região de Banat, na cidade romena de Nitzkydorf, proibida de publicar no país por ter criticado publicamente o regime do ditador Ceausescu, Herta Müller emigrou da Romênia para Alemanha em 1987 com seu marido, o poeta Richard Wagner. O pai de Müller prestou serviço nas *Waffen SS*, a tropa de elite chefiada por Himmler na Segunda Guerra. Em 1945, muitos romeno-alemães foram deportados para a União Soviética, inclusive a mãe de Müller, que passou cinco anos em um campo de trabalho na Ucrânia. Enquanto esteve na universidade, em Timisoara, na Romênia, estudou literatura alemã e romena e participou do *Aktionsgruppe Banat*, grupo de jovens de língua alemã que

se opunham ao regime de Ceausescu. Após dois anos de trabalho em uma fábrica como tradutora, Müller foi despedida por ter se recusado a ser informante da polícia secreta romena, o que também serviu de motivação para ser perseguida pela *Securitate*, a polícia secreta.

Em um trecho do livro *Tudo que tenho levado comigo* (2009) que, como autobiografia heterodiegética, Müller relata o sentimento de não-pertença ao grupo por meio de personagens, sobretudo por meio da voz do protagonista Leo Auberg:

Minha mãe e, principalmente, meu pai, como todos os alemães na pequena cidade, acreditavam na beleza das tranças loiras, das meias brancas até o joelho. No quadrado preto do bigode de Hitler, hinos saxões de Siebenbürgen como raça ariana. Meu segredo, visto sob o aspecto puramente físico, já era altamente execrável. Sendo um romeno, acrescentava-se o crime de “desonra da raça”. Eu queria ir para longe da família, mesmo que fosse para o campo de trabalho. Tinha, porém, pena de minha mãe, que ignorava o pouco que me conhecia. Que, quando eu estiver longe, pensará mais em mim do que eu nela (MÜLLER, 2009, p.8).

A compreensão social da pátria de Herta Müller pode ser ancorada à superfície do texto. Sobre os contos prevalecem uma conotação polissêmica de *Heimat*, no qual para a germanista Irina-Maria Greverus, dois significados podem ser atribuídos em quase toda a obra da autora. O primeiro refere-se aos personagens e feitos em quase todas as obras, referindo-se ao lugar de origem da autora, isto é, ao significado de *Heimat* enquanto “pátria”. No segundo significado, entretanto, *Heimat* é entendida como não somente um lugar de proveniência, mas sim como um espaço de “alheamento”, de “exclusão”.

Os protagonistas de Herta Müller vivem em uma terra que, seja rural ou urbano, o poder e o crescente medo na família, sejam da coletividade da comunidade (*Dorf*) ou do aparato de vigilância instituído na comunidade. Conforme Greverus (GREVERUS *apud* JOHANNSEN, 2008, p.55), no universo de Müller o indivíduo continua a ser um estranho na terra, condenado a não ser capaz de escapar do círculo do “Mal” (p.56) e nem dos olhos de um “Sapo” (p.56), no qual a impossibilidade de um ponto de ancoragem é o principal ponto (p.56). Para Müller, ainda segundo Greverus, a representação de *Heimat* como lugar “do estranho”, do “alheio” acontece porque a sociedade é desumana e a vida individual não dá certo.

Um conceito-chave para a temática de Herta Müller é a sobreposição desses conceitos como “estranho”, “alheio” e “deslocamento” ao olhar nostálgico pela pátria perdida da memória da infância. Esses conceitos que, sobrepostos, indicariam uma condição do “estranho”. Essa relação pode ser compreendida na transição do familiar para o desconfortável. Freud elucida essa transição com os conceitos de *heimlich*, familiar, e *unheimlich*, desconfortável, inquietante. No ensaio *O Estranho* (1919), Freud analisa o personagem Nathanael do conto *O homem de Areia* (1816), de ETA Hoffmann que, atormentado com as histórias macabras do Homem de Areia da infância, transitava entre a loucura e a alucinação. Com esses termos, Freud referia-se, em termos gerais, aos traumas de infância, sendo que na vida adulta não existe a lembrança causada pelo trauma ou o trauma converte-se a muitos outros sentimentos, como por exemplo, a revolta, o nojo, a loucura.

O psicanalista, ao retomar a palavra alemã *heimlich* para construir o conceito de “estranho”, diz tratar-se ela de “uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, *unheimlich* (FREUD *apud* LOPES PEREIRA, 2012, p.170).

Nessa perspectiva, no trecho do ensaio de Müller, *Heimat oder der Betrug der Dinge*, ela percebe conscientemente e reconhece a familiaridade não-familiar (*heimlich/unheimlich*) de sua terra natal:

A inconsciente continuação da proibição na minha cabeça era o *Heimat*? (...) As feridas pela luz ofuscante no vale, era o *Heimat*? Depois, quando eu estava na escola, a palavra *Heimat* foi mal-usada por canções bêbadas. (...) O falso *Heimat* dos livros didáticos tinham pouca coisa em comum comigo quanto o bêbado *Heimat* das canções dos homens. *Heimat* no campo, ou na cidade. Os dois eram a mesmo palco com outros bastidores (MÜLLER, 1990, p. 80).

Naturalmente, Müller refere-se, nesse trecho, à ditadura do Ceausceu que, com totalitarismo, inseriu na sociedade o nacionalismo, do qual Hitler era o principal parceiro. Nesse trecho, Müller rechaça, com certa repulsa, essas formas totalitárias, como hinos e manipulação de livros didáticos, identificando assim sua não-pertença ao grupo, o qual ela teoricamente deveria reconhecer como pátria. Com a não-identificação da cultura e dos costumes de sua pequena cidade na região de Basnat, ela vaga, assim como propõe Said, no território do “não-pertencer” como uma pessoa refugiada, deslocada. No ensaio *Auschwitz e Jerusalém*, Hannah Arendt afirma que a problemática dos refugiados configura o “fardo de nossa época” e discute o problema político dos apátridas:

A verdadeira dificuldade, quando se trata de refugiados e apátridas, reside no fato de que a situação é insolúvel no interior da velha organização essa tal dos povos. Os apátridas colocam a nu, muito claramente, a crise pelo acúmulo de injustiças, ou se contentando com a restauração de uma ordem que não corresponde mais nem à consciência jurídica moderna nem às condições atuais de coexistência dos povos. (ARENDRT apud PEREZ, 2006, p.21)

Considerações finais

Ao lado de escritores contemporâneos, como W.G Sebald, LiaoYiwu e J.M Coetzee, Herta Müller marca uma nova literatura mundial com a temática dos despossuados. A experiência do exílio é dolorosa, uma fratura incurável entre o eu e seu *Heimat*. Como Hall e Arendt ressaltam, refere-se “ao estado existencial do ser humano moderno”, assim como antevisto no livro *Tristes trópicos*, de Levi Strauss, no qual o autor ressalta a viagem como um emblema para a modernidade.

Questões como identidade cultural, diásporas e transrealidade na literatura que, dentro da temática do exílio, fazem-nos refletir sobre o a identidade híbrida. Segundo Agamben (2009), somos todos constituídos desde sempre. Nessa concepção, Assmann evoca o importante papel da memória que passa gradativamente do individual para a coletiva e, com isso, reflete na memória cultural. No caso das testemunhas do maior crime da história, a *shoah*, por auto-supressão e supressão, eles guardaram por um tempo as recordações daquele tempo de horror, porém com a morte deles, alguns historiadores acreditavam haver uma crise da memória experiencial. Assmann elucida que, entretanto,

quanto mais nos afastamos de *Auschwitz*, tanto mais próximo esse evento está aí, tanto mais somos acoados com a lembrança desse crime. (...). Isso se deve ao fato de que a memória experiencial das testemunhas da época, caso não se deva perder no futuro, deve traduzir-se em uma *memória cultural* da posteridade. (ASSMANN, 2011, p. 19)

Em tempos sombrios como o nosso, em que governos nacionalistas ascendem ao poder em larga escala no mundo, a literatura de exilados como de Herta Müller leva-nos a

não somente refletir sobre a situação do ser humano no contexto da transculturalidade, mas nos faz compreender a condição existencial humana e, sobretudo, a liberdade.

The literature in movement: exile in the literature of Herta Müller

ABSTRACT: This article aims to outline the writing of the Romanian-German author Herta Müller with regard to exile. The exile is directly related to the present day, when thousands of people are forced to move from their territories of origin to others that offer, above all, security. To explore the work of Herta Müller according to this bias is not only to verify its writing from specific theories, as proposed by Ette, Said, Arendt and Greverus, but above all to analyze a writing as resistance, in the which the use of the mother tongue is the main instrument of combat.

Keywords: Herta Müller; exile; literature on the move.

* Professor Associado de Literatura e Língua Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

** Doutoranda na linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

ⁱ Todos os trechos em língua alemã foram traduzidos pela autora do artigo

ⁱⁱ Texto da premiação em 2009.

Disponível em http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2009/ (06/02/2014)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. O que é o Contemporâneo? In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; Chapecó: Argos, 2009.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp. 2011

ETTE, Ottmar. Kartierung einer Welt in Bewegung. In: *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft. 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HENRIQUE CASTRO, Isabel. *Território e identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da angola colônia* Lisboa: 2003

JOHANNSEN, Anja K. *Kisten, Krypten, Labyrinth: Raumfiguration in der Gegenwartsliteratur: WG. Sebald, Anne Duden, Herta Müller*. Bielefeld: Transcript.2008

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos* Sao Paulo: Companhia das letras, 1996.

MONTAÑÉS PÉREZ, Amanda. *Vozes do Exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba*. 2006. (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

MÜLLER, Herta. Heimat oder der Betrug der Dinge. In: Solms, Wilhelm (org.) *Dichtung und "Heimat"*. *Sieben Autoren unterlaufen ein Thema*. Marburg, 1990

MÜLLER, Herta. *Barfüssiger Februar*. Berlin: Rotbuch, 1987.

_____. *Der König verneigt sich und tötet*. München – Wien: Carl Hanser, 2003.

_____. *O compromisso*. Traduzido por Lya Luft. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Tudo o que tenho levado comigo*. Traduzido por Carola Saavedra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Depressões*. Traduzido por Ingrid Assmann de Freitas. São Paulo: Globo, 2010.

NÜNNING, Ansgar. Kulturen als Erinnerungs- und Erzählgemeinschaften: Grundzüge und Perspektiven einer kulturgeschichtlichen Erzählforschung. In: Hannenberg, P. et. al. *Rahmenwechsel Kulturwissenschaften*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010

VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Geoestrategia de los espacios económicos: el lugar-global, el lugar-local y la gestión del territorio en el sitio portuario-retroportuario de Rio Grande*. 2001. (Tese de Doutorado) Universidad del Salvador, 2001.